

PROCESSOS DESOBEDIENTES DA PERFORMANCE: ATRAVESSAR FRONTEIRAS, CRIAR TERRITÓRIOS FRONTEIRIÇOS.

Thigresa¹

Resumo: Partindo das conceitualizações sobre a arte e a linguagem da performance, busco neste artigo traçar algumas reflexões que desenvolvo sobre processos criativos e as reverberações da performance. Primeiramente, compreendo como reverberações da performance as questões que emergem após a ação. Portanto, neste artigo, a linguagem da performance está diretamente associada à: as ações políticas provocadas e acionadas pelas dissidências estéticas e, as dissidências estéticas enquanto processo político da desobediência. Ainda, na sequência, busco articular como a ação da desobediência e das dissidências estéticas – as ações políticas da performance – tensionam a ideia hegemônica de espaço-fronteira e constroem um território fronteiro. Todas essas ideias e conceitos estão associadas à construção de campos de ações da arte da performance que denomino enquanto “territórios móveis das ruínas”.

Palavras-chave: Processo; Performance; Desobediência; Dissidência estética; Território fronteiro.

Introdução

¹Thigresa, Thi. Gresa & José Pedro Almeida é pessoa não binária, professora, performer, pesquisadora. Graduada em Artes do Corpo (PUC/SP), mestra em Comunicação Social (UERJ) e doutoranda em Estudos Contemporâneos das Artes (UFF), desenvolve pesquisas sobre genealogias de performance, estéticas dissidentes, ações políticas e relações entre performance, gênero e política.

Este artigo surge de uma erupção durante a leitura do livro do filósofo Frédéric Gros (2019), além dos debates que comecei a desenvolver no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (PPGCA/UFF)

Várias foram as questões que emergiram durante as reflexões que iam se desenvolvendo com o passar da leitura. Uma delas, impossível de desassociar: como se dão as relações entre os campos da performance e a negação a uma linearidade. Ou melhor dizendo, como se dá a relação entre a performance e a dissidência, que por sua vez é uma negação às lógicas da obediência, como o próprio filósofo sugere.

Desta primeira questão, outras me surgiram – vejam, já quero salientar logo no início que a ideia aqui não é tentar respondê-las, mas criar um território de reflexão que me permita, em algum sentido, acionar questões que ligam a performance e a desobediência ao fazer político dos corpos dissidentes estéticos.

Talvez a questão que me segue até o momento seja: como a performance provoca trânsitos e movências de desarticulação do espaço – concebido enquanto campo de ação dos corpos – e cria territórios?

Ainda, ao dialogar com as dissidências estéticas – que estão para além das dissidências físicas, já que elas podem ser: políticas, subjetivas, conceituais, etc. –, como se dão as ações políticas dos corpos nesses territórios?

Uma terceira questão que atravessa essa pesquisa é: como são esses diálogos com as ruínas? Já que pra mim, as ruínas são marcas importantes para a construção do que compreendo enquanto um território fronteiro.

Seguindo a lógica da desobediência, é importante salientar que nesse artigo vou abrir mão da ideia de espaço, tendo em vista que em diálogo com a performance, o que emerge é uma ideia conceitual de território.

Para tentar dar conta de responder a essas questões que emergiram diante a leitura do livro de Frederic Grós, esse artigo está articulado em três eixos, sendo eles: um primeiro, concebido desde as ações políticas da desobediência, e como a desobediência constrói esses campos de tensão para o diálogo com a performance.

Um segundo, que atravessa as questões pautadas pelas ruínas e pela desarticulação do espaço hegemônico – como pensar um espaço em ruínas que possibilita um território fronteiro?

E um terceiro, que é a ação política que se dá no trânsito e na movência que desloca o espaço da fronteira a um território fronteiro – campo de ação e acionamentos da arte e da linguagem da performance, além de território de acolhimento que abraça e acolhe as dissidências estéticas.

A decollage como ruína.

Para apresentar a perspectiva da onde tiro a ideia de ruínas devo voltar a alguns processos da arte da performance. Não propriamente dito da linguagem da performance mas, dos processos fronteiros das vanguardas artísticas – que depois culminaram no desenvolvimento e na articulação conceitual da arte da performance.

Como parte processual da linguagem da arte da performance temos o que é chamado de collage – que não é colagem! – uma prática que envolve, dentre os muitos processos, a seleção, a picagem e a colagem (COHEN, 2011).

Dentro dos campos da performance entendemos a collage, como uma prática de assimilação e ajuntamento de elementos que por vezes poderiam não se relacionar, mas que a partir da collage na performance fazem parte da construção narrativa, e constroem a não-linearidade, característica conceitual importante da linguagem da performance.

Esse processo foi se desenvolvendo e sendo construído desde a ideia das vanguardas (os dadaístas eram exímios artistas da collage), até atravessou a contracultura e toda cultura *undergrounds* (feituras de zines, por exemplo).

Consequentemente a prática da collage chegou à performance como um caminho do processo de criação que tem por objetivo, o que tange as questões conceituais dos campos da performance: a prática do desvio.

Porém, entre as definições da collage, nas fronteiras, aparece a ação do Grupo Fluxos – que está registrado no livro “Fluxos Escrito: actos textuales antes y después de fluxos” (2019).

Em determinado momento do livro, ao ler os registros dos processos do artista da collage e do happening Wolf Voltell, encontro o que o artista chamou: decollage ou dé-coll/age.

Tal ação disruptiva é marcada por duas questões, postas pelo artista, primeiro,

Lo que me fascinaba eran los síntomas y las irradiaciones de una alteración constante del mundo, cuyos elementos más fuertes en general son la destrucción y en la enunciação artística además la disolución, y la yuxtaposición. dé-coll/age como principio productivo que se sirve de la destrucción y de la autodestrucción, en contraposición al collage. (VOLTELL, 2019, p. 98)

É desde essa consciência da decollage que, a meu ver, se constrói a prática da movência – já que a dé-coll/agé é marcada pela autodestruição e pelo movimento de si em si mesmo –, que possibilita a criação das ruínas e de um espaço pautado pela subjetividade que tensiona as lógicas lineares de espaço.

Poderia dizer, dentre as possibilidades de dé-coll/age pautadas por Vostell, “demoler, romper, borrar, difuminar, desteñir/descolorar, distorsionar, doblaje” (p. 99), que há aquela que mais me interessa não está nesta lista, e é: o desvio.

O desvio, associado às questões das dissidências estéticas nos campos da performance (ruína), é o que me faz pensar, desde aqui, sobre esses trânsitos que estou tentando inventar/construir entre a ruína, a dé-coll/age e a criação de um território fronteiro.

Sendo assim, afirmo de antemão que a dé-coll/agé é um ato político. E é uma prática política da performance para a criação de novos campos de ações, de territórios.

Refletindo enquanto escrevo sobre essas práticas disruptivas (as ações da performance), das ruínas desde a dé-coll/age, e a estratégia estético política de não caber e não se enquadrar dentro do campo da linearidade, afirmo que a performance, o território e a desvio são práticas que permitem a emergência das dissidências estéticas. Já presumindo, e adiantando o que Wolf Volstell vai colocar como a movência da decollage.

Diria então que a decollage é a collage no corpo, ou ainda, para alguns pesquisadores que se colocam a investigar os dissensos estéticos (as ruínas estéticas) diriam que a decollage é a monstruosidade². Ainda, nestes paralelos, e intersecções de afirmações, poderia levantar que a decollage é a performance das dissidências estética.

Então, devo afirmar neste instante do desenvolvimento do texto, diante esse campo da performance, dos desvios, das expansões dos territórios, das trilhas, e das ruínas: que a decollage baliza uma ação de movência que se dá pelos corpos dissidentes na ação da performance.

Há um tempo venho falando em movência, quero fazer um adendo para explicar rapidamente a intenção dessa palavra: a movência é pautada pela desestruturação, e desarticulação dos meios e processos. Parto do conceito de Paul Zumthor, em “A letra e a voz” (1992), que compreende os atravessamentos que se dão no corpo, entre as culturas, práticas e movimentos, com isso, a movência é o encontro não linear entre as várias decollagens que podem se dar no corpo.

Logo, a decollage se aproxima das indefinições, outra conceitualização importante das ações da performance, e das tensões entre arte e política, ao ponto que busca por meio da instabilidade, e das não definições (a indefinição) a construção de

²Diversos foram os autores que se colocaram a pesquisar questões relacionadas a estéticas monstruosas. Poderia citar diversos deles, porém há dois livros do autor moçambicano José Gil que constroem essa ideia, são eles: “Monstros” (2006) e, “Metamorfoses do corpo” (1997). No campo das artes é indiscutível a colaboração de Lúcio Agra, autor do livro “Monstrutivismo: retas e curvas das vanguardas” (2010).

algo que ainda está por vir, e por não existir/estar por vir, poderia dizer então que a construção da decollage (a collage em movimento dos corpos que são atravessados pelas distensões e tensões da ruína) é a invenção.

De certo é que eu posso afirmar (e toda afirmação é um estado de perdição, e toda afirmação é um erro!, e todo erro é uma escolha estética e política), fazendo uma ponte de travessias ao universo de complexidade que são as ruínas e as dissidências estéticas, que os eixos que fazem girar a performance é tanto a collage, como a decollage, e também as ações políticas por meio da movência e da construção das ruínas.

Ruínas

Vamos às ruínas, aquilo que restou e que ficou como registro de algo que era/foi, e não é por deixar de ser algo, que se desmaterializou, ou deixou de ser algo possível. Assim sendo, a ruína é algo que transita para um outro estado de construção estética, para um outro estado de olhar, um olhar de/para ruínas. Até mesmo para uma outra compreensão dos seus estados de materialidade.

Com esse olhar, as percepções podem ser ampliadas para a desconstrução e desautomatização das leituras que se dão pelos desvios produzidos pelas dissidências estéticas, outrora pelas criações que atravessam as tensões que irrompem as lógicas binárias (as construções das performances).

Para mim, a questão que baliza as ruínas é a simultaneidade.

A complexidade instaurada pela simultaneidade é dialeticamente o que transforma a ruína no território ambíguo da performance, o deslocamento da ideia e do conceito de espaço para o de território fronteiro: as ruínas.

Digo então: ruínas coexistem – elas não são só uma coisa e não são só uma ruína – pelo simples fato de serem aquilo que desmaterializa-se do fenômeno e transforma-se em ação, acontecimento.

Estou sempre voltando à ruína e ao território, já que vou transformando os limites articulares das ruínas, ou seja, ao passo que vou discutindo sobre a ruína, assim como a performance, ela vai escapando das lógicas que podem a definir.

A partir das ruínas, enquanto imagem e ação, é que estão tensionadas as questões que atravessam e penetram as diretrizes possíveis dos territórios fronteiriços da arte da performance.

Nessas tentativas de olhar para as ruínas uma questão pode ser levantada: sobre a ação da performance, a ruína transita sobre um território da desobediência que por si só – pelas simultaneidades e o desvio. Com isso, como estabelecer um campo de trocas e de atravessamentos entre corpo, território e ação?

Após pautar essas questões faz-se necessário algumas afirmações, que me servem aqui como direções para que consiga construir a imagem do encontro, e o trânsito que quero estabelecer entre os campos da performance, e a performance atravessada pela implosão emergente das ruínas e das ações políticas das dissidências estéticas.

Dissonâncias estéticas estão diretamente associadas às ruínas: essas duas questões se atravessam à medida que se constroem e desenvolvem os campos da performance.

E é nesse contrafluxo que a possibilidade das ruínas se faz enquanto ação e ideia impulsionadora das dissidências. Performance associada a ruína, e ruína que também é campo de ação das dissidências estéticas.

Num jogo de correlações poderia dizer então que: as ruínas estão para a performance, assim como as dissidências estão para a simultaneidade. E por conseguinte, caberia dizer então que a performance está para a decollage. E todas elas estão pautadas e direcionadas pelas ações políticas do desvio e da ação da desobediência.

As desobediências da performance

E é a partir das ruínas da performance que encontro com o livro escrito por Frédéric Gros. E é movido pelo desejo de uma genealogia da obediência/desobediência³ que o autor lança seus esforços para compor uma perspectiva dos desvios da obediência desde as insurgências políticas, e das dissidências das normas, sejam essas normas em instâncias estéticas, governamentais. Seja essa obediência cívica, democrática ou subjetiva.

E é diante de tantos questionamentos da obediência e da desobediência – dessas duas práticas que estão tão associadas e entram em choque constantemente – que passo a refletir sobre a ideia da desobediência como uma prática da performance.

A desobediência como desvio, e a performance também como essa construção de uma nova perspectiva de organização, ou quem sabe, uma desorganização, que tem por si a autonomia da construção de constantes, e novos modos de organizações desde os dissensos e das ruínas.

Então, talvez seja melhor, em vez de falar em organização, falar que a prática da desobediência em performance é o movimento de constante collage ou decollage na performance. Do enfrentamento por meio das estéticas dissidentes.

A performance sendo essa collage-decollage – reivindicando para só desde o seu desenvolvimento o desvio – se estabelece como uma prática da dissidência, da desordem e por muitas vezes, da falta de linearidade, e é justamente desse desvio que entende-se o ruído, as dissonâncias.

O corpo que tem em si – que se reivindica e assume esse campo experimental da produção do enfrentamento político – a prática da dissidência, o desvio estético, que atravessa a prática política do dissenso se coloca veementemente como um ruído, o levante da prática, a insurreição dos fazeres da guerrilha.

Em vez de soar uníssono, o ruído, a dissonância de gênero é justamente o espaço da instabilidade, o território do erro, já que é desde os campos instáveis que se instaura

³O autor discute quatro instâncias da obediência/desobediência: submissão, subordinação, consentimento e obrigação. Apesar de não ser uma instância de obediência, o autor também discute a dinâmica da responsabilidade como possibilidade de obediência coletiva.

a prática da instabilidade e da não linearidade, e por sua vez aproxima a performance das práticas dissidentes e por sua vez, às aproximam da desobediência.

Ações estético políticas: cisão e radicalidades do corpo

Assim como a prática de se perder é uma estratégia estética e política, digo que a ideia e a intenção de não chegar a uma conclusão é também uma possibilidade de performance a partir de uma escolha e uma estratégia estético-política.

Talvez o movimento agora seja o de levar esse texto para o corpo e transformá-lo numa “resposta” que pode mais do que qualquer outra coisa ser uma decollage, ou, um *work in process* de um processo de criação e invenção de estética a partir das políticas do desvio e da desobediência.

Se colocar nestes territórios fronteiriços é constantemente assumir uma posição de risco - arriscar.

O risco significa se colocar num território de cisão entre o corpo e o espaço, entre um corpo e outro corpo, um corpo e outro território-corpo, ou ainda mais, colocar o corpo como um território de força e de tensão de ações políticas.

Poderia então enunciar um corpo que reconfigura o espaço, o corpo-bomba, aquele que está em constante limite, num estado de concentração/pressão de energia, que pode em qualquer instante implodir, e construir reconfigurações, outras collages e decollages, criando um território fronteiriço.

O corpo, a ação, a radicalidade, tudo isso aliado a prática da decollage é o que me leva a ação da performance. O corpo em performance, um corpo collage em movimento, produzindo ruínas e espaços fronteiriços, é o que possibilita a ideia da ação política, a decollage, como desvio da regra e da norma.

A propósito, não sei se o movimento se dá na direção de criar/inventar algumas afirmações sobre essas aproximações com a política, a performance, os ruídos, as bordas.

Depois de tanto falar da desobediência como forma de política, cabe a mim, enquanto pessoa não binária, artista da performance, e pesquisadore da arte da

performance lançar algumas navalhas para que alguns cortes e fissuras sejam produzidas a fim de produzir novos olhares.

E por último, não no sentido de encerrar, mas de dar continuidade a algo que ainda não está definido, ou seja, dar continuidade a ação política dos corpos ruínas (decollados), sigamos transbordando das regras.

Regras, eis o que é implodido pelos corpos bombas que assumem a estético-política como existência de decollage.

Bibliografia

AGRA, Lúcio. **Monstrutivismo**: retas e curvas das vanguardas. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CADERNOS Sesc Videobrasil 11: Aliança de corpos vulneráveis. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

CARLSON, Marvin. **Performance**: uma introdução crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CENTELHA. **Ruptura**. São Paulo: n-1, 2019.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

COMITÊ invisível. **Aos nossos amigos**: crise e insurreição. São Paulo: n-1, 2018.

GIL, José. **Monstros**. Lisboa: Relógio D'água, 2006.

_____. **Metamorfoses do corpo**. Lisboa: Relógios D'água, 1997.

GROS, Frederic. **Desobedecer**. São Paulo: Edições Ubu, 2019.

HALBERSTAN, Jack. **Arte queer do fracasso**. Recife: Cepe, 2020.

MAYER, Mariano (Org.). **Fluxos Escrito**: actos textuales antes y después de fluxos. Buenos Aires: Caja Negra, 2019.

PRECIADO, Paul. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. São Paulo: Zahar, 2020.

_____. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1, 2015.

VIDARTE, Paco. **Ética bicha**. São Paulo: n-1, 2019.